

BERNARDO ÉLIS E SUAS ANDANÇAS LITERÁRIAS

BERNARDO ÉLIS AND HIS LITERARY JOURNEYS

Magda Régia

Academia de Letras e Artes de Anicuns (ALAA)
Instituto Cultural e Educacional Bernardo Élis para os povos do cerrado (ICEBE)
magdareggia@hotmail.com

Resumo. Explorar o acervo da Biblioteca Bernardo Élis, pertencente ao Instituto Cultural e Educacional Bernardo Élis Para os Povos do Cerrado (ICEBE), na capital – Goiânia – com intuito de se debruçar encima do acervo bernardiano em busca de livros e documentos ricos em informações sobre a caminhada de Bernardo pelo mundo literário; o “rol” de amigos escritores que ele conquistou, sua ascensão, tudo isso se faz objetivo maior deste artigo. O material analisado e aqui apresentado, em sua maioria, é oriundo de verdadeiras raridades guardadas e preservadas no acervo “Icebiano”. Ao encabeçar cada texto deste artigo com as capas originais dos vários livros dedicados a Bernardo por grandes nomes da literatura nacional e goiana, bem como as dedicatórias que compõem os mesmos, objetivou-se, também, registrar o quanto Élis conquistou a amizade de vários “monstros” consagrados da literatura moderna brasileira que não economizaram palavras ao lhe dedicar/autografar tão raros exemplares de suas obras.

Palavras-chave. Bernardo Élis. Biblioteca. Acervo. Autógrafos. Amigos.

Abstract.

Explore the collection of the Bernardo Élis Library, belonging to the Bernardo Élis Cultural and Educational Institute for the People of the Cerrado (ICEBE), in the capital – Goiânia – in order to look over the Bernardo collection in search of books and documents rich in information about the Bernardo's journey through the literary world; the “role” of writer friends he conquered, his ascension, all this is the main objective of this article. The material analyzed and presented here, for the most part, comes from real rarities kept and preserved in the “Icebiano” collection. By heading each text in this article with the original covers of several books dedicated to Bernardo by great names in national and Goiás literature, as well as the dedications that make up them, the aim was also to record how Élis won the friendship of several “monsters” consecrated in modern Brazilian literature who did not save words when dedicating/autographing such rare copies of their works to him.

Keywords. Bernardo Élis. Library. Collection. Autographs. Friends.

“Olhe pra frente, pois o mundo não para pra que possa
juntar os seus caquinhos.”
(Bernardo Élis)

Bernardo: do Sertão Central para o Brasil

Ainda muito cedo, já beirando seus 12 anos, o filho do Sr. Érico Curado e da Sra. Marieta Fleury Curado já dava indícios de que a vida “pasmada, mas agradável e sempre em contato com a cultura letrada” (segundo ele mesmo afirmara) que levava, enveredá-lo-ia para o mundo das Letras e isso era só uma questão de tempo... Pouco tempo. *Bernardo Élis*, embora “filho” do Planalto Central do Brasil, foi um homem atemporal, que não teve medo de lutar pra levar e, tampouco, elevar a literatura goiana aos arautos do mundo literário de ponta de sua época. Bastou a ele participar, em 1945, do “1º Congresso de Escritores de São Paulo” pra que as primeiras de tantas outras portas literárias dessem sinal de vida.

Era o momento de a literatura goiana, sertaneja, ainda pouco conhecida e sem muita significância para o resto do país, “ganhar asas”, principalmente, nas cidades litorâneas como Rio e São Paulo, nas quais o Modernismo já fincara suas raízes. Esse alçamento de voo teria Bernardo como responsável, um verdadeiro desbravador das letras goianas que teve o privilégio, durante o já citado “1º Congresso de Escritores de São Paulo”, de conhecer alguns grandes nomes da literatura nacional, tais como – *Aurélio Buarque de Holanda, Mário de Andrade e Monteiro Lobato*.

E foi em meio a essa convivência com tantos modernistas de ponta, já “íntimos” do novo modelo de se fazer literatura no Brasil de então – o Modernismo – e que inspiravam e contagiavam a sociedade brasileira com suas produções literárias (principalmente os romances regionalistas que estouravam naquele momento), que a produção literária goiana bernardiana conquista seu espaço e passa a servir de modelo para outros escritores.

O escritor do “*Sertão Central do Brasil*”, o menino que se autoadjetivava tímido e desengonçado (pelos seus quase 2 metros de altura); o advogado, professor, poeta, contista e romancista que nasceu na pequena Corumbá de Goiás, conseguiria muito mais que a quebra das divisas geográficas que permitiriam apresentar as produções modernas goianas para o resto do país. Na verdade, em 23 de outubro de 1975, ele passa a ocupar a Cadeira 01 da *Academia Brasileira de Letras (ABL)* e, além disso, conquista vários prêmios literários por

suas excelentes produções (todas em prosa, exceto “*Primeira Chuva*”, escrita em poesia): *Prêmio José Lins do Rego* (1965) e *Prêmio Jabuti*, da *Câmara Brasileira do Livro* (1966), pelo livro de contos *Veranico de janeiro*; *Prêmio Afonso Arinos*, da *Academia Brasileira de Letras*, por *Caminhos e descaminhos*; *Prêmio Sesquicentenário da Independência*, pelo estudo *Marechal Xavier Curado, criador do Exército Nacional* (1972).

Em 1987 recebeu o *Prêmio da Fundação Cultural de Brasília*, pelo conjunto de obras, e a medalha do *Instituto de Artes e Cultura de Brasília*. Tudo isso fez com que o único escritor goiano a ocupar uma cadeira na ABL se tornasse cada vez mais amigo de grandes nomes da literatura nacional de então, bem como ter suas obras lidas, admiradas e comentadas por tantos deles.

É em meio a suas andanças literárias que *Bernardo Élis* vai se consagrando um “monstro” da literatura moderna goiana. Ele é considerado a figura mais importante do regionalismo goiano; um dos responsáveis pela difusão desta para o resto do país, bem como um dos primeiros a apresentar características poéticas semelhantes às de *Manuel Bandeira* e *Mário de Andrade*. Importa ressaltar que a “chegada” do Modernismo a Goiás não aconteceu de forma simultânea ao resto do país, principalmente, se comparado às grandes cidades litorâneas como *Rio de Janeiro* e *São Paulo*.

Enquanto o regionalismo moderno se ascendia, fazia-se ser conhecido, através de grandes nomes da literatura brasileira, e já caminhava para sua 3ª fase no cenário nacional; por outro lado, em Goiás, o cenário era bem diferente. De forma lenta e tardia, Bernardo e outros escritores goianos se veem, finalmente, inseridos numa literatura moderna, porém muito além daquela das cidades litorâneas que já haviam adotado uma filosofia estética bastante diferenciada da usada na primeira geração. O que se dava nesse momento era a adesão de Bernardo e de outros escritores goianos aos aspectos poemáticos que caracterizaram os poemas dos consagrados monstros da literatura brasileira (já citados acima), tais como – Manuel Bandeira e Mário de Andrade. Começava aí o “alçar voo” de *Bernardo*.

Já fazendo parte do “rol” de consagrados nomes da literatura nacional, principalmente dos regionalistas, o menino de Corumbá de Goiás vai de tímido, magrelo e desengonçado a consagrar-se como um dos regionalistas mais estudados de Goiás. Viveu entre consagrados nomes da literatura, não como mais um; Bernardo estreitou laços com a maioria deles e da maioria se tornou amigo. Ele é merecedor dos laços de amizade que sua inserção no mundo

acadêmico lhe trouxe com o passar dos anos; e não para por aí... A lista de nomes de monstros consagrados da literatura moderna nacional que trocaram cartas com o escritor e amigo Bernardo, e o presentearam com exemplares de suas obras; todas elas recheadas de dedicatórias que falam mais do que palavras sobre a admiração, respeito e reconhecimento que nutriam pelo grande escritor, é extensa.

Todas as obras dedicadas a ele, bem como todo seu rico acervo, sobreviveram aos anos que foram se passando e sua biblioteca particular permanece “viva” e com prateleiras que guardam, em si, toda a história escrita e vivenciada por ele, bem como todas as obras que lhe foram presenteadas, dedicadas por grandes escritores e representantes da literatura moderna de então. E é através delas, do folhear dessas mesmas páginas amareladas pelo tempo, que se pode reviver, contemplar e se encantar por essas obras que guardam em si um valor muito maior que simplesmente literário. São inúmeras dedicatórias dispensadas ao grande Bernardo Élis, que nem o tempo apagou. Todas elas muito singulares e verdadeiras.

ICEBE e Biblioteca Bernardo Élis: um rico acervo goiano

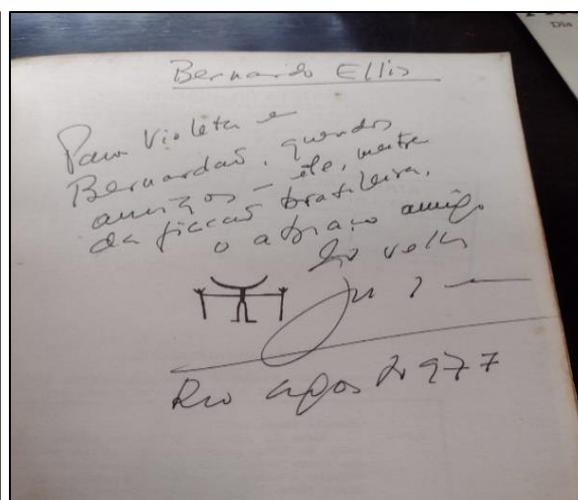
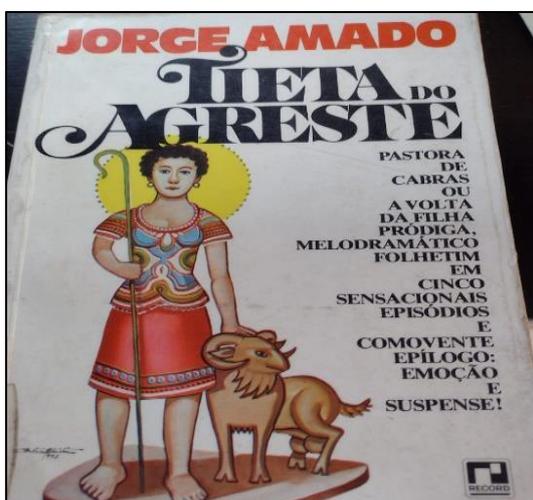


Bibliotecas existem há alguns séculos e elas possuem o seu papel social, que vai desde a disseminação da informação à inserção das comunidades ao conhecimento e suas práticas. Seus “frequentadores” vão desde pessoas em busca de satisfazerem suas curiosidades, acerca desse ou daquele assunto, a grandes pesquisadores dos diversos ramos dos saberes; porém com a aceleração da tecnologia digital, vários são os que apostam no fim próximo das bibliotecas e, ainda há aqueles que garantem que elas já não existem mais e, se existem, não passam de um amontoado de papéis velhos, amarelados e sem muita utilidade. Mas, na verdade, as bibliotecas existem sim. Elas existem e funcionam muito bem! São guardiãs de

É fato que Bernardo Élis, dentro de suas andanças literárias, conseguiu reconhecimento, respeito e admiração de grandes nomes da literatura nacional (principalmente regionalistas), que nutriam grande apreço e respeito pelo poeta, considerado, por tantos, o expoente da literatura modernista em Goiás. E, assim sendo, nada mais justo que encabeçar este “desfile” de raridades autografadas a Bernardo e que fazem parte do acervo de sua biblioteca no *Instituto Cultural e Educacional Bernardo Élis Para os Povos do Cerrado* (ICEBE) com a obra prima de *Rachel de Queiroz* (1910/2003) - “*O Quinze*” (1930) – seu primeiro e mais popular romance, cujo título se refere à grande seca de 1915 vivida por ela e sua família em sua infância.

Rachel é considerada uma das maiores autoras da segunda geração modernista, bem como a primeira mulher a integrar a *Academia Brasileira de Letras* (ABL). A admiração, respeito e amizade de *Rachel de Queiroz* para com *Bernardo Élis* ficam em evidência nesta dedicatória feita por ela ao amigo, em junho de 1970 (foto 02). Ao saudá-lo utilizando a palavra “Mestre”, que não foi usada no sentido de dar título a Élis, a escritora o fez no sentido de exaltar a maestria dele ao escrever, bem como a excelência do resultado de tudo que ele escrevia. A forma como as palavras são dispensadas; a extensão e a forma carinhosa da dedicatória dela a Élis ressaltam, aos que as leem, o grau de amizade que existia entre os dois, e poder ter acesso a esses documentos, estar diante deles, poder manuseá-los e lê-los, é viajar no tempo e ter um reencontro com Bernardo; é ser grato ao ICEBE do Dr. Bento Alves Araújo Jayme Fleury Curado e de todos os goianos.

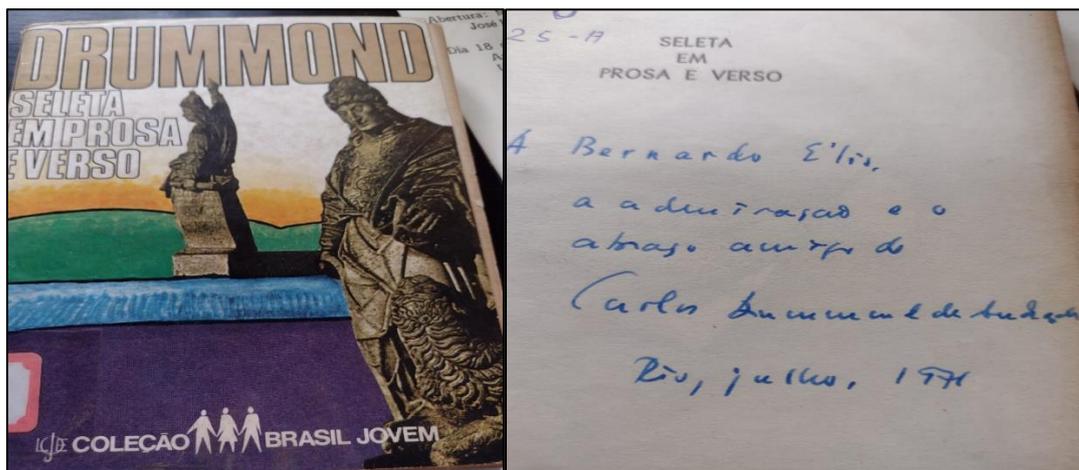
Jorge Amado: “a obra de Bernardo é muito profunda”



Assim como as modelos não podem faltar às passarelas para a platéia encantar, não pode faltar neste “desfile” de raridades autografadas a *Bernardo Élis*, um espaço pra que a obra e dedicatória de um ícone da literatura regionalista brasileira, dispensadas a Élis e sua primeira esposa – *Violeta Metran* (1927/1996) – possam ganhar relevância neste artigo. O grande escritor baiano – *Jorge Amado* (1912/2001) e sua esposa, a também escritora – *Zélia Gattai* (1916/2008) – eram muito amigos do casal “bernardiano”. Jorge amado caracterizava a obra de Élis como uma obra muito bem feita, repleta da realidade local; com uma grande força. Dizia ver a obra do amigo regionalista goiano como uma obra profunda.

O ano era 1977 e o grande escritor regionalista, um dos mais lidos do país – Jorge Amado – publica aquela que se tornaria uma de suas obras mais famosas – *Tieta do Agreste* – e tal obra fez tanto sucesso que acabou sendo adaptada para o cinema (1996) e também para a televisão (1989). Foi através desse romance regionalista que Jorge “denunciou”, através de seus personagens, a pobreza do sertão nordestino, o preconceito e moralismo das *pessoas de bem*; a vida de aparência, o corporativismo, pedofilia, estupro, machismo e feminismo; e tudo isso em meio a muito humor e situações das mais absurdas. A obra é recheada de regionalismos e tem o próprio autor como personagem; e, ao se ler a dedicatória da foto 02, percebe-se que no mesmo ano em que publica *Tieta do Agreste*, *Jorge Amado* presenteia o amigo Bernardo e sua primeira esposa – Violeta – com um exemplar de sua obra prima acompanhado de significativa dedicatória. Igualmente a amiga *Rachel de Queiroz*, Jorge começa a dedicatória saudando Bernardo como “Mestre da ficção brasileira”; e o faz com o intuito de externar o grande apreço, amizade e respeito pelo poeta goiano mais regionalista, considerado por tantos o expoente da literatura modernista em Goiás (como já dito antes).

E esta é mais uma raridade que o acervo da Biblioteca de Bernardo Élis, no ICEBE, na capital Goiânia, possui. É mais um documento que permite a gerações pós-Bernardo terem a certeza da significância de suas obras, não só pra literatura moderna goiana, mas também pra todo país, e que podem ser ratificadas através de tão importantes documentos; verdadeiras testemunhas de quem foi e que legado deixou o menino de Corumbá de Goiás pro mundo das letras.

No meio do caminho tinha um amigo

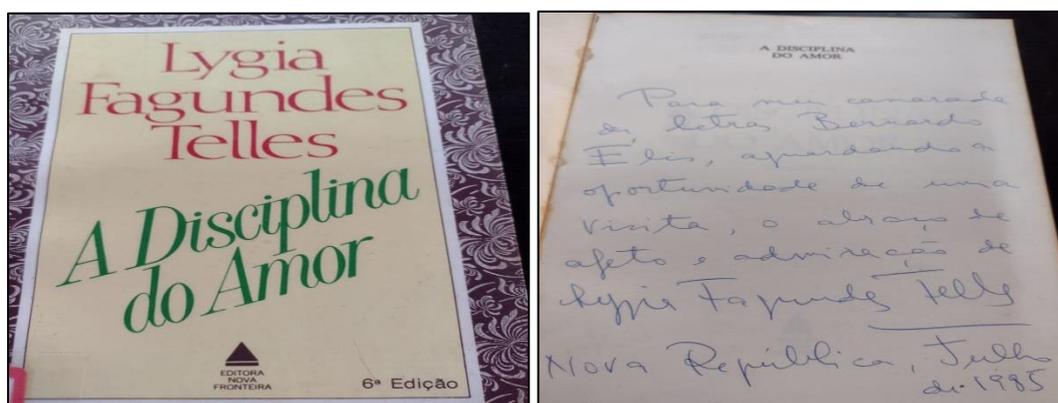
É em meio a tantas preciosidades do acervo bernardiano que, de repente, pode-se estar de frente a esta maravilha de obra e dedicatória, dispensadas a Bernardo, escritas por um dos maiores representantes da segunda geração modernista brasileira, bem como um dos maiores escritores do Brasil – *Carlos Drummond de Andrade* (1902/1987). Como se pode ver, o menino de Corumbá de Goiás, agora homem feito, já era reconhecido, admirado e havia criado laços de amizade com a maioria dos “monstros” do mundo das letras de sua época; e um deles foi Drummond, como preferia ser chamado. A forma carinhosa, que sempre foi sinônimo de respeito e reconhecimento de grandes escritores brasileiros para com Bernardo, está sempre presente em todas as dedicatórias que compõem este artigo, inclusive nesta de Drummond.

No ano de 1971, os leitores puderam se “deliciar” com mais uma publicação do grande Drummond – “Seleta em Prosa e Verso”. Como se pode notar na capa do livro (figura 01 acima), o livro é uma antologia poética e se trata da primeira edição da então “Coleção Brasil Jovem” (sob a direção de Paulo Rónai). É o próprio Drummond o organizador de sua obra e vale observar a participação do escritor – professor Gilberto Mendonça Teles (1931) – goiano, assim como Bernardo, e de grande destaque. É ele o responsável pelas notas do apresentador nesta obra.

É entre uma folheada e outra, nestas “preciosidades”, que o acervo da Biblioteca Bernardo Élis oferece, aos seus leitores e visitantes, documentos e livros valiosos. Tudo é muito significativo; cada autor com suas particularidades... Todos os livros e documentos, mesmo com suas páginas bem amareladas pelo tempo, não diminuem o desejo, o

encantamento daqueles que se debruçam horas e horas sobre suas páginas em busca de mais saber sobre a importância de Bernardo Élis na construção e expansão das letras modernas goiana para o resto do país e suas andanças pelo mundo literário nacional. Muitos desses escritores de ponta, principalmente os regionalistas das cidades litorâneas, não só passaram a admirar Élis, bem como ter a visão da grandeza da sua escrita, principalmente em suas obras regionalistas que, em sua maioria, retratam vários problemas sociais em que os “mais fracos” são sempre maltratados, desprezados e marginalizados pela maioria da sociedade. Grande parte de suas produções, na verdade, é denúncia; um verdadeiro porta-voz de uma minoria que, mesmo em tempos atuais, continua, por vezes, sendo calada.

Bernardo: “o camarada das letras” preferido de Lygia Fagundes



Além de grande expoente da literatura modernista em Goiás, os tributos de Bernardo vão além...

Como vem sendo apresentado, através das capas de tantas “raridades” que enfeitam este artigo, todas elas ao lado de suas significantes dedicatórias rabiscadas por verdadeiros “monstros” da literatura brasileira ao menino de Corumbá de Goiás, não se pode negar o reconhecimento da sua contribuição literária, não só para o sertão do Planalto Central do Brasil, mas também para o romance regionalista modernista como um todo, e isso fica em evidência, também, nesta dedicatória feita a ele pela escritora e sua amiga – Lygia Fagundes Telles (1923).

O livro de Lygia – “A Disciplina do Amor” – foi apresentado pela primeira vez, ao leitor brasileiro, em 1980 e é uma obra que traz uma escrita livre, de diversas naturezas; sem

seguir um gênero específico. Ela mistura realidade (vivida por ela mesma, em sua maioria) e ficção. É uma viagem pelo psicológico da própria Lygia, através de textos curtos (pequenas obras-primas) recheados de pequenos detalhes. A obra é vencedora do Prêmio Jabuti e do prêmio da Associação Paulista de Críticos de Arte (APCA).

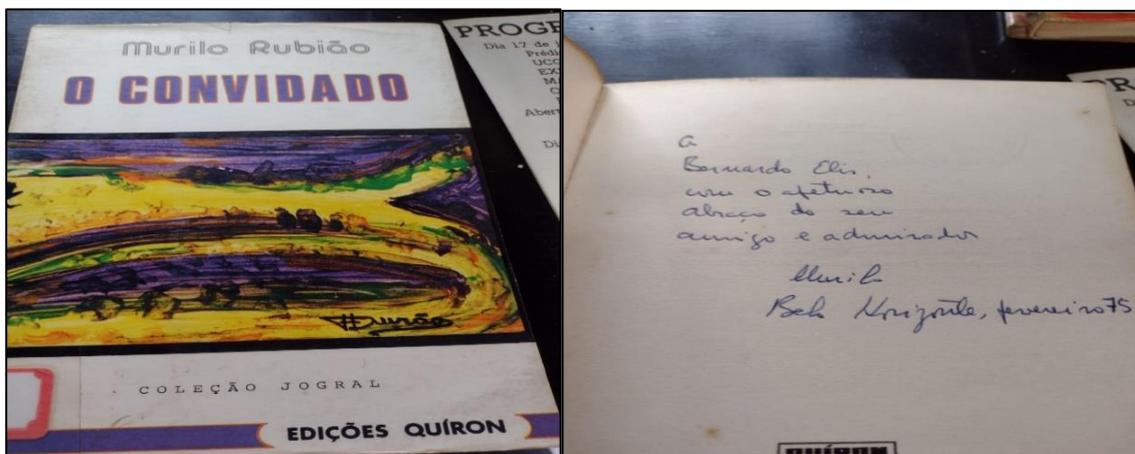
Foi no ano de 1985 que Lygia presenteou Bernardo com um exemplar do seu livro “A Disciplina do Amor”. A escritora não economizou palavras e nem adjetivos na hora da dedicatória e isso já é uma demonstração do grau de admiração e amizade existente entre os dois:

“Para meu camarada das letras...” (foto 02).

Ao analisar a frase acima, que encabeça a dedicatória que Lygia escreveu para Bernardo, torna-se desnecessário muito esforço acerca de tentar “adivinhar” o que ela nutria pelo escritor, bem como pelo que ele escrevia, já que o pronome possessivo “meu”, usado na expressão: “para meu camarada de letras” – remete qualquer um que o leia à conclusão de que já havia ali uma situação de amizade e predileção por Bernardo e tudo o que ele produzia.

A comprovação (graças a documentos e a estas raridades tão significantes que se encontram na Biblioteca Bernardo Élis, no acervo do ICEBE) de que eles foram grandes amigos, não para de ficar em evidência, uma vez que ao escrever [...] “Aguardando a oportunidade de uma visita...”. O que se pode notar, quando Lygia usa o verbo “aguardar” no gerúndio, é a preexistência de uma amizade e não de uma escritora famosa autografando um livro para um leitor desconhecido seu; e, mais ainda, não se aguarda uma visita de alguém com quem não se tenha afinidade, um vínculo já preestabelecido.

Até tu, Murilo Rubião?



Rachel, Jorge, Carlos, Lygia... E agora – Murilo Rubião (1916/1991). A lista com o nome de grandes escritores da literatura brasileira que se tornaram amigos do maior representante do romance regionalista moderno goiano, Bernardo Élis, durante as suas andanças pelo mundo literário, não para de crescer. É em meio a tantos documentos e livros, verdadeiras raridades guardadas e preservadas pelo ICEBE, na sua biblioteca Bernardo Élis, que se pode “ressuscitar” tanta informação, dados, histórias e conquistas desse único goiano (pelo menos até agora) a se ingressar na Casa de Machado de Assis.

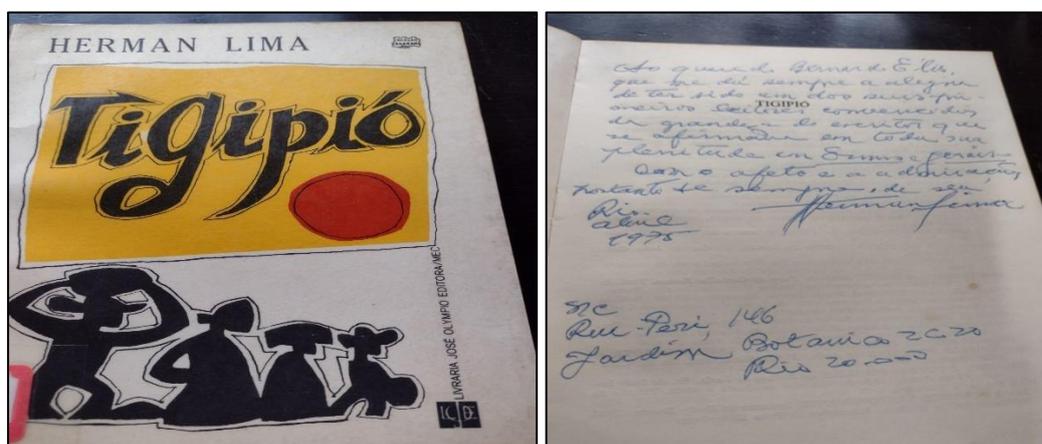
A obra – “O Convidado” (1970) – que Murilo Rubião (o autor mais significativo do chamado realismo fantástico brasileiro e que teve alguns de seus textos comparados aos de Franz Kafka) dedica a Bernardo, é composta por nove contos, através dos quais, Rubião intenta retratar o absurdo da condição humana. Os contos vão da estranheza a assuntos profundamente filosóficos e é uma obra que caminha por regiões em que a fantasia invade a realidade. Murilo Rubião (embora pouco lembrado) se destacou, assim como Bernardo, como um grande contista da história da literatura brasileira.

Além de grandes contistas, foram amigos e tiveram a oportunidade de se conhecerem, discutir literatura e trocar cartas; um lá do Planalto Central do Brasil e o outro lá de Minas Gerais. Um pouco dessa troca de admiração, carinho e reconhecimento que nutriam um pelo

outro pode ser comprovado nas palavras que compõem a dedicatória que faz parte desse texto (foto 02).

Interessante saber que a expressão “um abraço”, quando era acrescida do adjetivo “afetuoso” (quer fosse em cartas, autógrafos ou dedicatórias) servia para dar ênfase ao abraço enviado, escrito. Era a expressividade, através das palavras, de um abraço apertado, um abraço de amigo para amigo; e mais que isso, ainda se pode ler na sequência da dedicatória que o grande contista, Murilo Rubião, é mais um escritor que vai declarar que, além de amigo, é um admirador de Bernardo.

Bernardo, o Allan Poe brasileiro



Uma dedicatória que fala por si só:

“Ao querido Bernardo Élis, que me dá sempre a alegria de ter sido um dos seus primeiros leitores convencidos da grandeza do escritor que se afirmou em toda sua plenitude em Ermos e Gerais.”

Com o afeto e a admiração, portanto de sempre, de seu,

Herman Lima

Rio
abril
1975

Nc
Rua Peri, 146
Jardim Botânico 2c20
Rio de janeiro

(reprodução foto 02)

O escritor contista – Herman Lima (1897/1981) – é quem faz a dedicatória transcrita acima a Élis, em abril de 1975. É ele o autor do livro – “Tigipió” (1924) – seu livro de estréia e que é composto por catorze contos. Sua obra-prima foi aclamada pela crítica literária de então e foi merecedora da menção honrosa da Academia Brasileira de Letras, bem como o conto título do seu livro adaptado para o cinema em 1986. Lima contribuiu muito para as letras e as artes brasileiras. Suas produções, que no geral são memórias, são recheadas de saudosismo, de aspectos etnológicos e, por vezes, pendem para a piada, o cômico. É de Herman, também, o comentário abaixo, feito após ter lido a coletânea de contos de Bernardo Élis – Ermos e Gerais (19440):

Palavras que falam por si só:

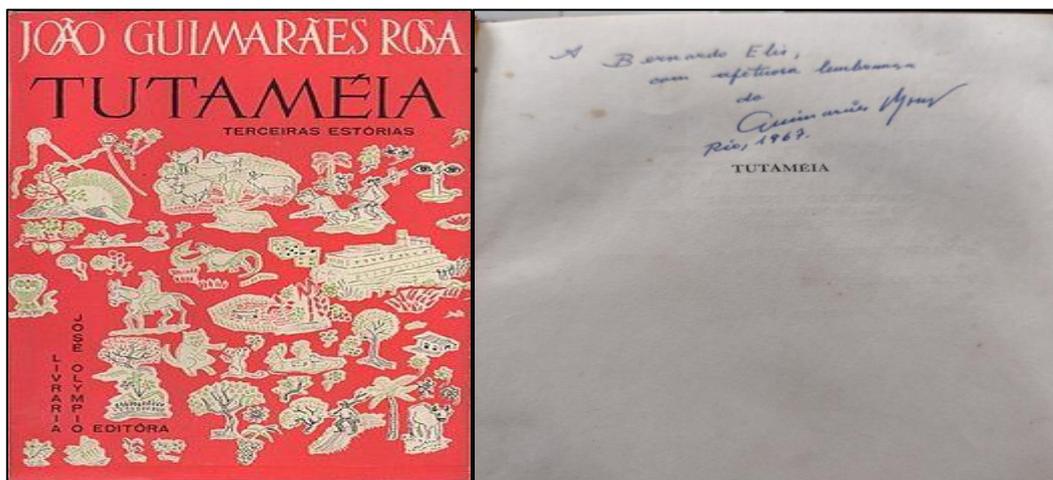
“... *Suas páginas se carregam assim duma aura de espantos que fazem dele uma espécie de Allan Poe rústico e terrível,*” (Lima 1952: 90).

O contista, tradutor e crítico de arte, Herman Lima, ao se “atrever” a fazer tal aproximação da escrita de Élis à de Edgar Allan Poe (1809/1849), fazia-o com autoridade, com convicção; uma vez que ele já havia traduzido vários autores, predominantemente do francês e do inglês. O monstro da escrita, Poe, sempre esteve entre eles e Herman era perito em reconhecer grandes escritores, através da leitura e análise de suas produções que ele se

debruçava a fazer. Foi assim, também, com Élis. E não bastasse só reconhecer o talento do escritor goiano, também gostava de ler e analisar suas obras e a partir desse contexto tornaram-se amigos.

Ao discorrer, analisar as palavras usadas na dedicatória que encabeça este texto, fica fácil perceber que todos os autores aqui representados pelas capas e dedicatórias de suas obras (a maioria delas uma raridade para tempos atuais), usam os mesmos adjetivos, as mesmas saudações. E na extensa e significativa dedicatória de Herman ao amigo Bernardo não foi diferente. Todo reconhecimento, respeito e admiração que tantos monstros consagrados da literatura brasileira, principalmente dos regionalistas, demonstraram ao único goiano (até então) “morador da Casa de Machado de Assis”, através das dedicatórias e dos textos que compõem este artigo, é graças à bravura de Bernardo, a sua persistência, ao seu desejo de ser o porta-voz dos menos favorecidos, dos marginalizados, de não se calar; de usar a ficção como comprovação dos conflitos sociais, de mostrar pra sociedade que era possível “dar crédito” aos ideais do novo momento literário brasileiro – O Modernismo – sem que fosse preciso cortar, perder o elo com as experiências que foram vividas, experimentadas até aquele momento na arte e no mundo das letras.

Foi graças à publicação do seu livro de contos “Ermos e Gerais” e ao seu romance “O Tronco” (que embora publicado pela primeira vez em 1956; só foi relançado em 1967 e, logo em seguida, em 1968, veio receber o Prêmio Jabuti como melhor romance), que o menino de Corumbá de Goiás, até então desconhecido dos brasileiros, escondido no Planalto Central do Brasil, recebeu o título de melhor escritor regionalista modernista goiano. Surgia aí um regionalismo tenso, voltado para as questões sociais; um porta-voz das barbáries reais que ‘transitavam’ naquela época, não só em chão goiano, mas que ainda prevalecem no meio nacional.

Guimarães Rosa, um gênio que se revela no cenário nacional pós “Ermos e Gerais”

Ele, João Guimarães Rosa (1908/1967), o homem de vários idiomas, não poderia ficar de fora deste desfile de raridades que funcionam como um elo que une aqueles que se debruçam encima dos livros e documentos que fazem parte do acervo da Biblioteca Bernardo Élis, à possibilidade de conhecer toda a caminhada do escritor goiano, seu acervo particular, suas preferências literárias, bem como saber mais sobre o homem Bernardo... O amigo Bernardo. O modelo regionalista goiano a ser seguido por tantos “monstros” da literatura brasileira.

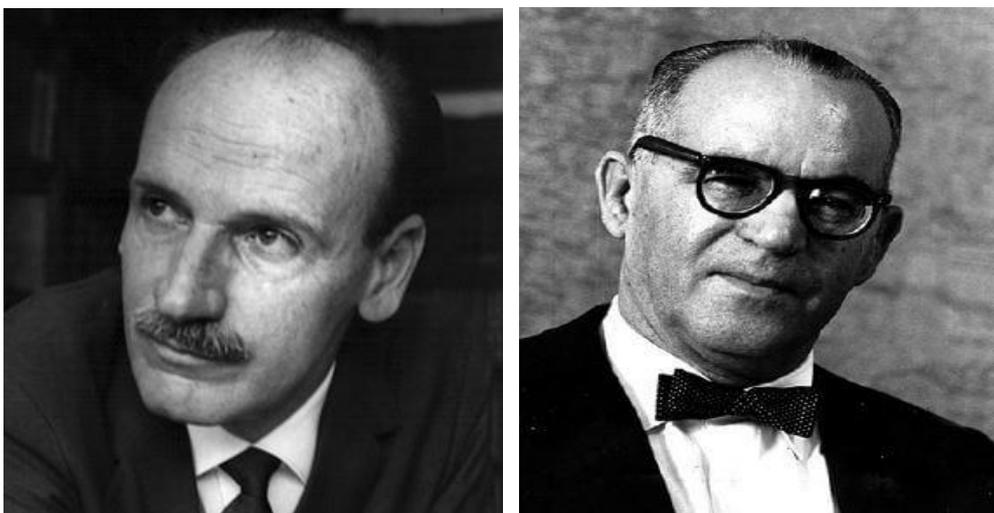
O ano é 1967 e o grande escritor Guimarães Rosa, pertencente à terceira geração modernista, vai escrever aquele que seria seu último livro publicado em vida: “Tutameia (Terceiras Estórias)”. A obra é a reunião de quarenta contos que são todos colocados em ordem alfabética; os mais curtos de toda a produção literária do mineiro. O autor do romance “Grande Sertão: Veredas” (1956), fazendo uso do seu inconfundível estilo de escrever sem se preocupar com a limitação de suas narrativas, faz jus a sua alcunha de “gênio das palavras” nos contos que compõem “Tutameia (Terceiras Estórias)”.

Embora tenha escrito poesia, Guimarães ficou mais conhecido pela sua prosa peculiar. É comum em suas produções, perceber o quanto ele faz uso dos neologismos, bem como atrela, geralmente, o seu regionalismo a temas universais.

Este exemplar que o escritor dedicou a Élis, em 1967, é raríssimo em tempos atuais e, assim como os outros amigos de Bernardo que, através de seus exemplares autografados,

demonstraram reconhecimento e admiração por tudo que produziu o menino de Corumbá de Goiás; com Guimarães não foi diferente, assim como ratifica a foto 02 que encabeça este texto do artigo. Os acontecimentos que aproximaram esses dois grandes regionalistas da literatura brasileira, ao longo de suas carreiras literárias, merecem destaque neste artigo e é assunto para o texto que irá finalizar o mesmo.

Bernardo Élis ou Guimarães Rosa?



Ora, seria imperdoável pensar esses dois gênios da literatura moderna regionalista a partir dessa indagação...Jamais!

Muito mais do que trocar correspondências e elogios, o escritor goiano Bernardo Élis (1915/1997) e o mineiro João Guimarães Rosa (1908/1967) possuem uma trajetória literária muito parecida em alguns aspectos. Ambos escreveram poesia, porém foi na prosa que se destacaram como grandes monstros da literatura regionalista nacional e não há, pelo menos neste artigo, nenhuma pretensão de se levantar um paralelo, uma disputa entre estes dois grandes representantes do romance regionalista, tanto goiano como mineiro... Não se trata disso.

A começar pelo grande Bernardo, é graças à publicação do seu livro de contos “Ermos e Gerais” (1944) que a literatura sertaneja goiano-mineira é inaugurada, ganha espaço, representatividade nacional; bem como “abriu espaço” para que outros grandes escritores

modernos também fossem revelados; inclusive Guimarães Rosa. E ele não parou de produzir grandes obras... Mais tarde, em 1956, o menino de Corumbá de Goiás publicaria – “O Tronco” – livro seu que se tornaria o mais importante romance regionalista produzido pela literatura goiana, bem como um dos maiores romances da literatura brasileira e mundial.

O talentoso Élis é daqueles que, ao fazer uso da linguagem regional nas suas obras, consegue reproduzir, através de seus personagens e de forma impressionante, a alma do sertanejo, a dor dos injustiçados, os conflitos sociais marcados pela violência que o poder exerce sobre as classes menos favorecidas. Este é Bernardo Elis... O orgulho do povo goiano, um homem atemporal.

Como já dito no texto acima, não é intuito deste artigo criar um embate entre Bernardo Élis e Guimarães Rosa; porém isso não significa que não haja diferenças relevantes e de fácil percepção entre as características presentes na escrita de um e outro. Ao analisar a linguagem regionalista usada por Guimarães Rosa em seus romances, ou pelo menos na maioria deles, é possível perceber que ele não vai se prender ao início ou ao fim de suas tramas; o sertão que ele apresenta ao leitor é um sertão de grandes dimensões, comum a todos. Geralmente, esse sertão “guimarense” se deixa apresentar através de personagens mesclados de amor, ódio, incertezas; movidos pela idéia de que o que, realmente, importa durante uma caminhada é o percurso que se faz, vive, até que se chegue ao final da travessia. É a presença do sertão dentro do universo.

O mineiro regionalista, Guimarães Rosa, deu destaque à segunda geração moderna, produziu grandes obras, criou uma própria língua, bem como deu preferência aos temas universais... Enfim, assim era João Guimarães Rosa: mais um grande nome da literatura brasileira a se inspirar e admirar o amigo Bernardo Élis.

E assim era Bernardo Élis:

O filho do senhor Érico José Curado e de dona Marieta Fleury Curado;

O menino de Corumbá de Goiás que conquistou o mundo das letras;

O pai de “Ermos e Gerais” e de “O Tronco”;

O regionalista moderno que revelou Guimarães Rosa ao Brasil;

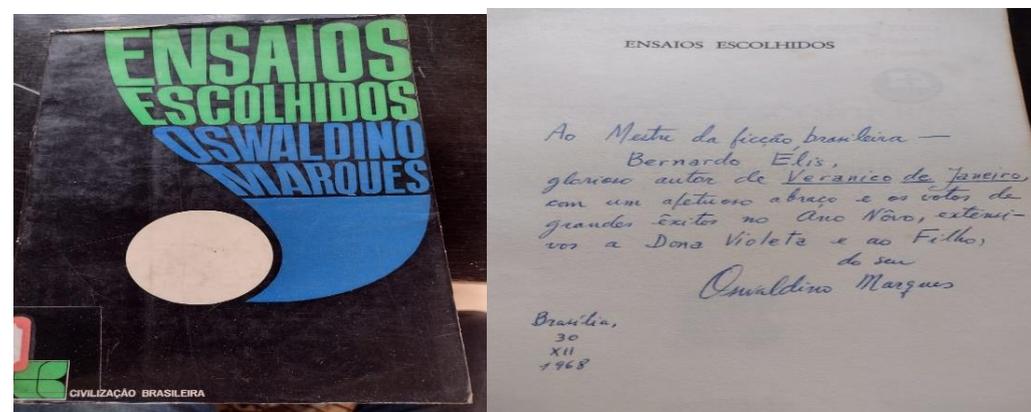
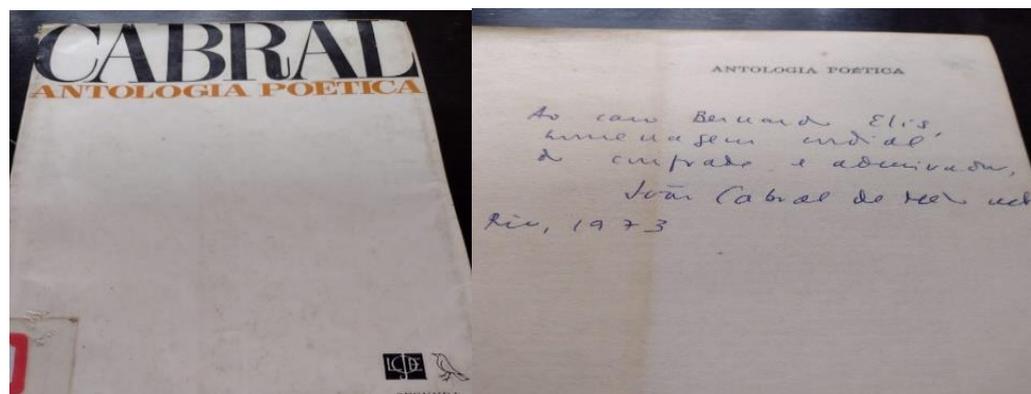
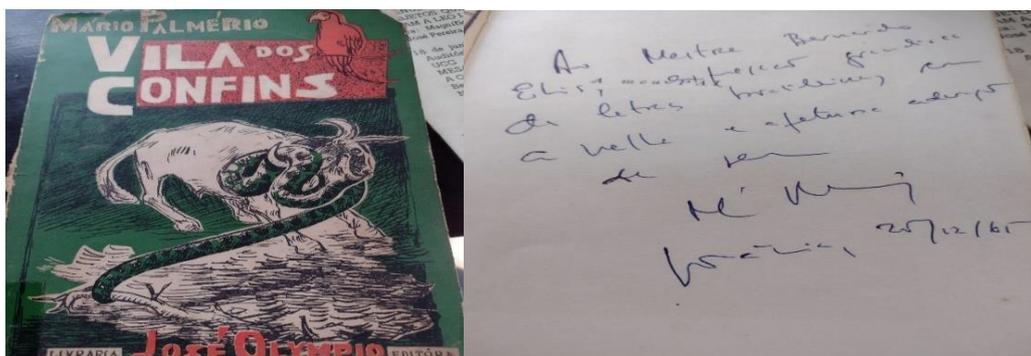
O mais amigo dos amigos escritores da literatura nacional de sua época;

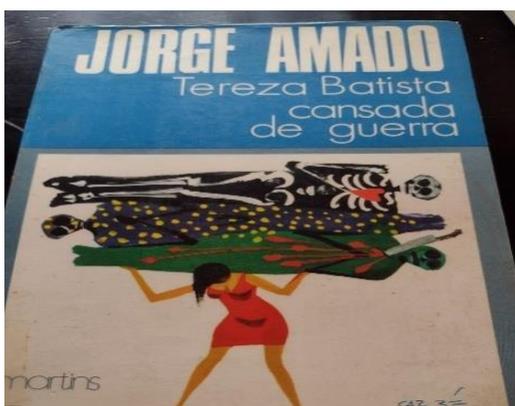
O único “morador goiano” na Casa de Machado – ABL;

O porta-voz dos injustiçados do Planalto Central do Brasil.

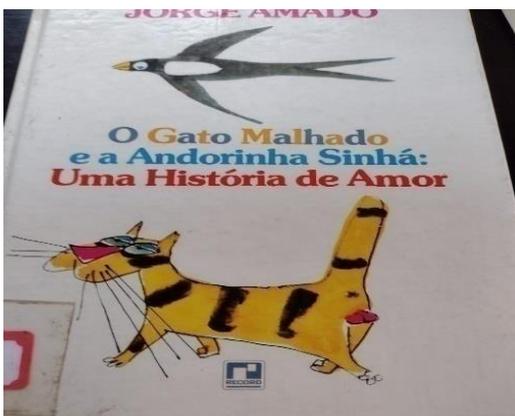
ANEXOS

Bernardo Élis: o amigo consagrado sob o olhar de quem o conheceu

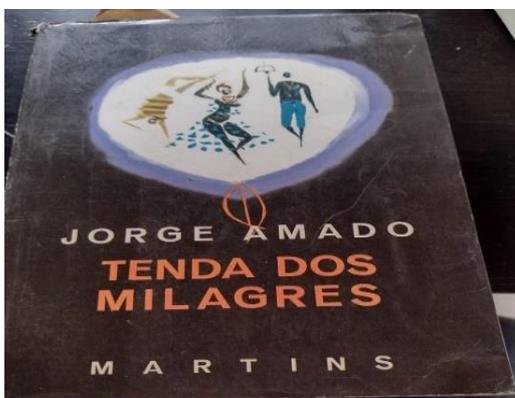




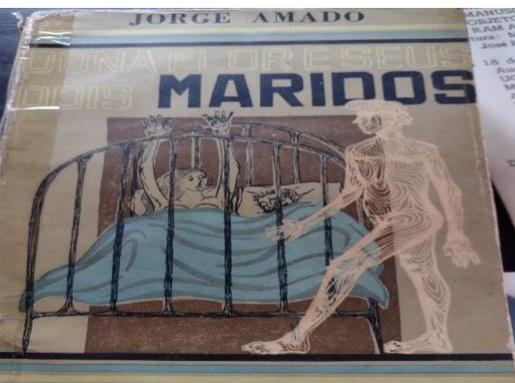
Para Bernardo
Violante e a velha
em a amizade
e amizade
J. Amado
1473 - Ru - mar



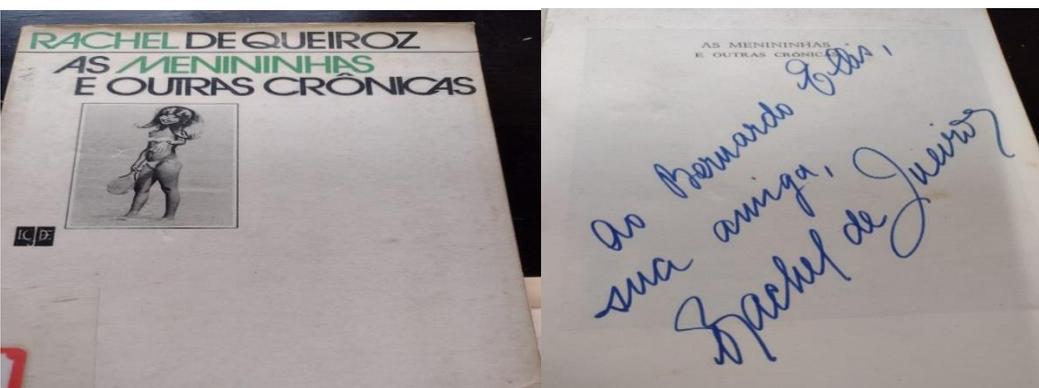
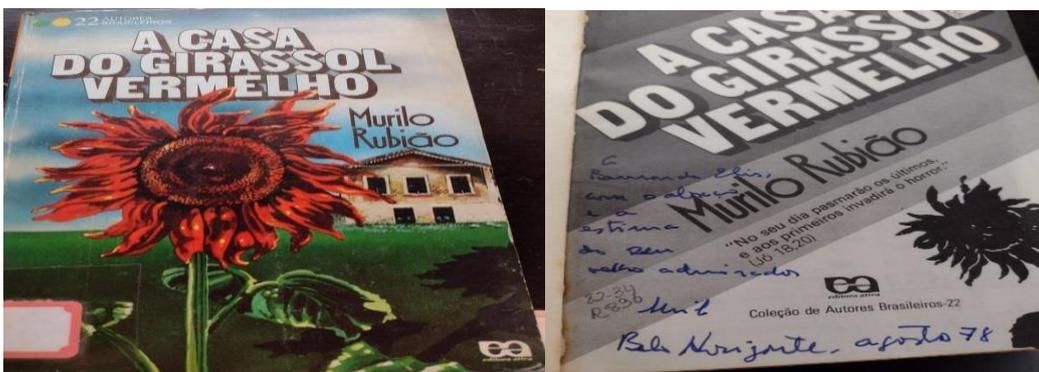
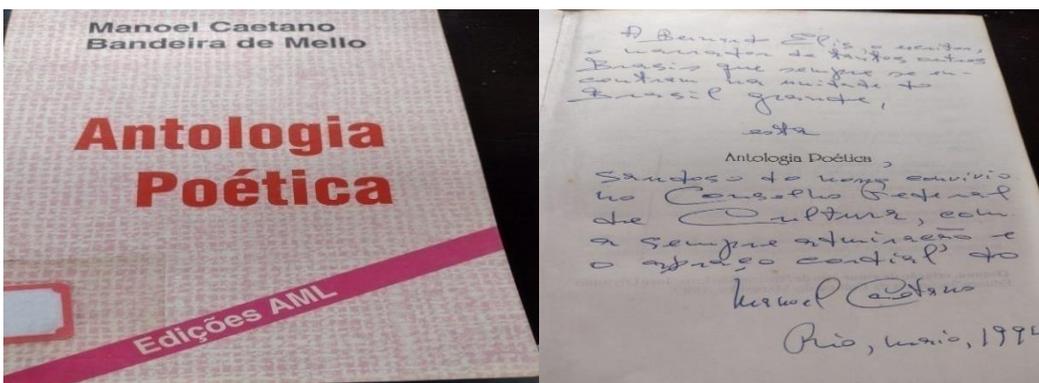
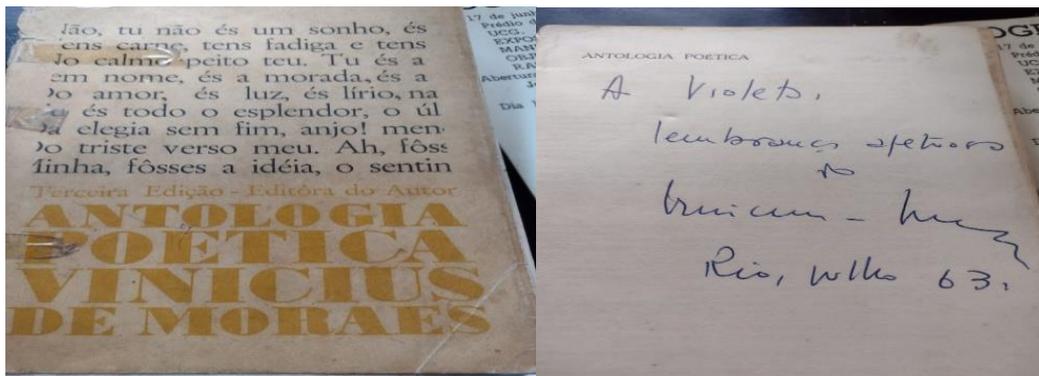
Para Bernardo Ellis,
Sua obra
grande e
no Natal
muito
a amizade
de V. L.
J. Amado
26/77

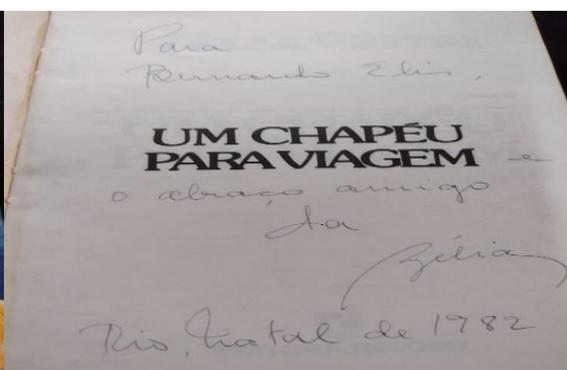
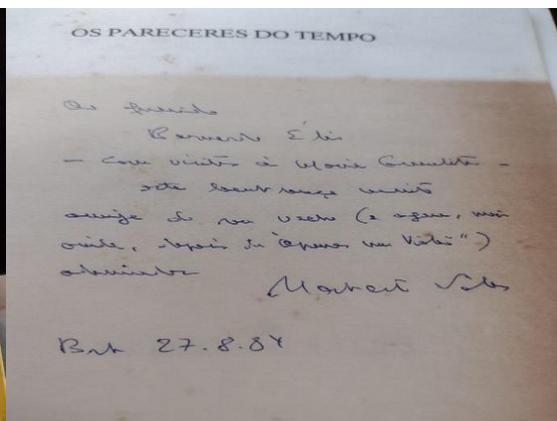
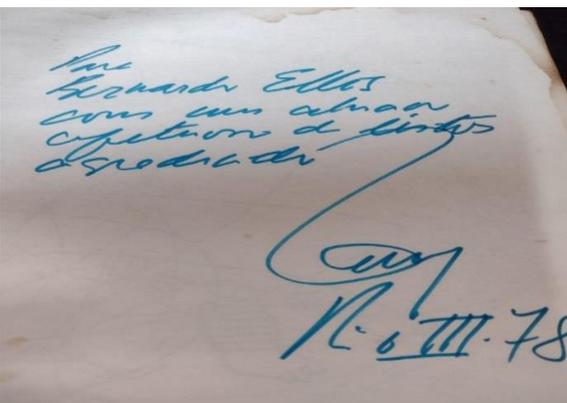
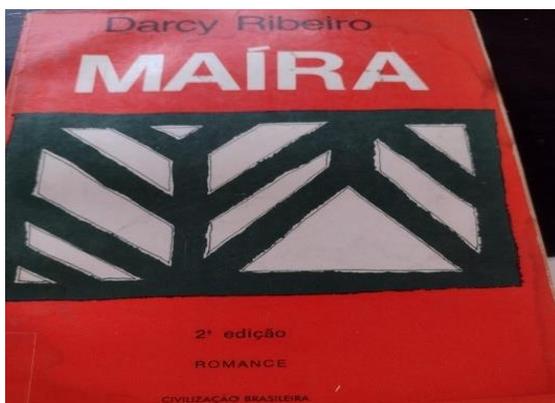
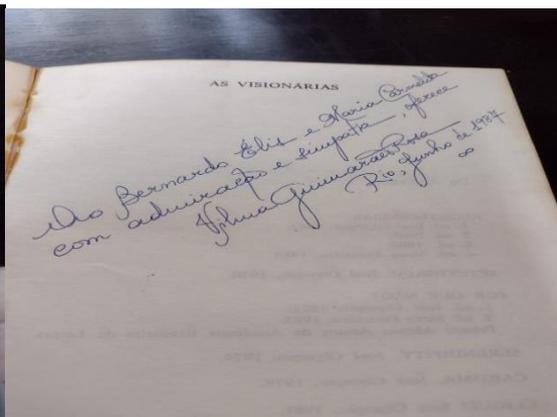
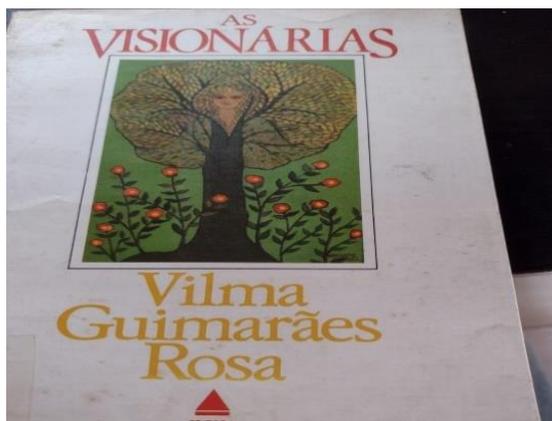


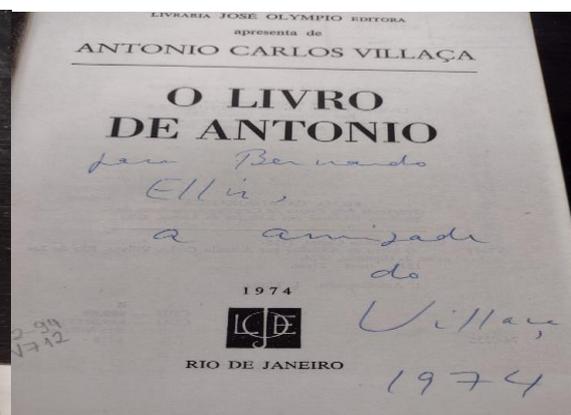
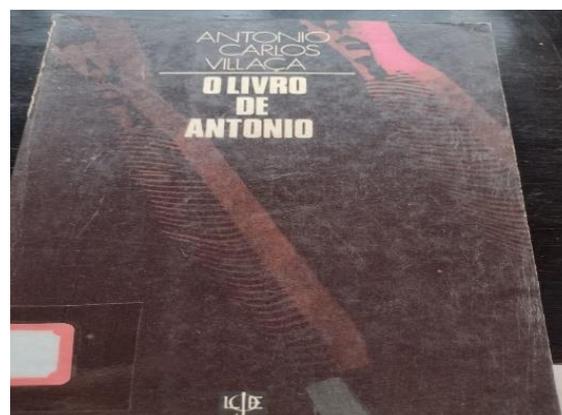
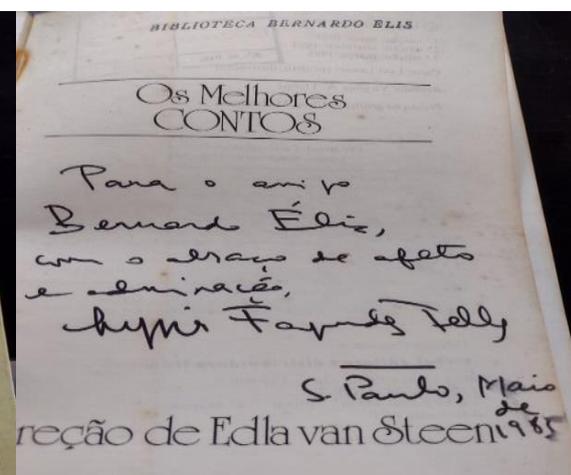
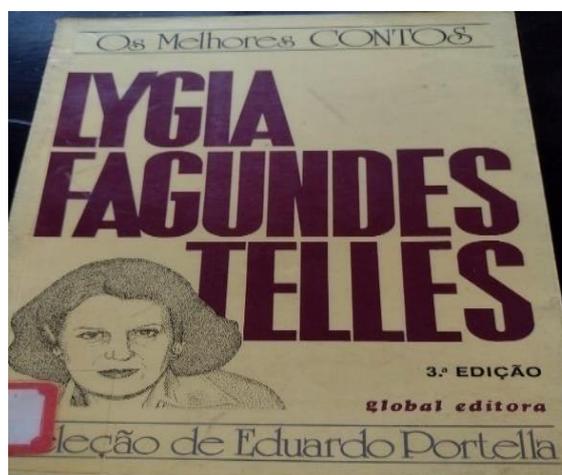
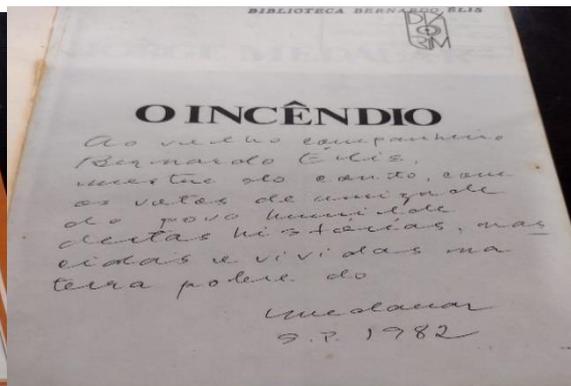
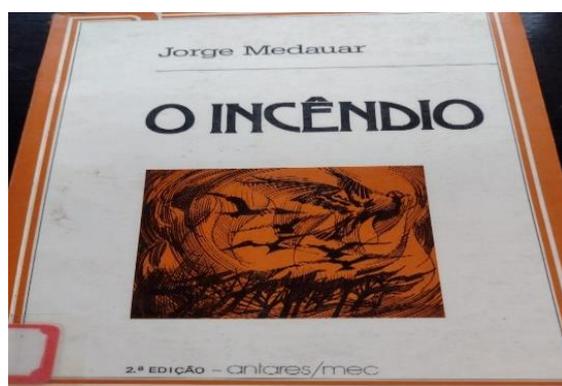
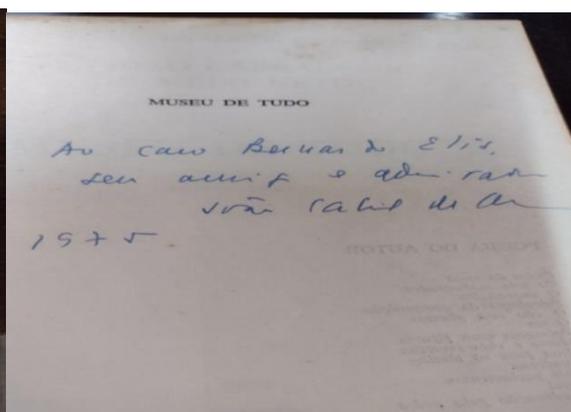
Para
Bernardo Ellis,
com uma
amizade
J. Amado
1964

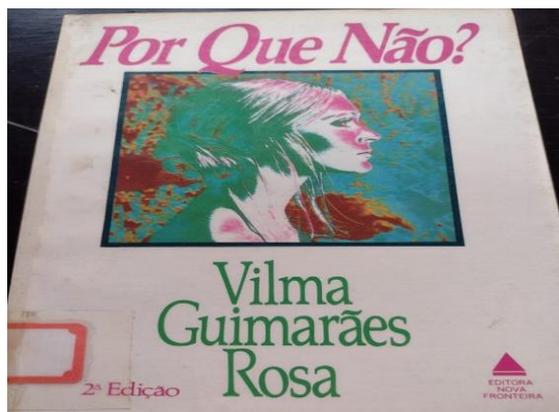


DONA FLOR E SEUS DOIS MARIDOS
para
o pai de Bernardo Ellis,
em a amizade
e amizade
J. Amado
Paulo
Julho
1960









POR
QUE
NÃO?

A Dona Maria Carmelita
e ao Bernardo Elis,
com o abraço amigo e a simpatia
de
Vilma Guimarães Rosa
Rio, 25/12/56



Para
Bernardo
e Maria -
esta minha estranha
história de bailarinas
e de móveis -
com abraço de Boal Fozes.
Antonio Olinto
Rio - Natal de 1994



Magda
Comprei Bernardo Elis:
"O passado - 'Jedemir de
Sousa'".
Agora, meu amigo Samuel,
dublado de seu admirador,
passou-me os 'Ossos
e Descamisado'.
Resumo - de, com ideias
e críticas, o meu pequeno
Kafka.
Do Haroldo de Azevedo
Rio, 11-5-72



AS POMPAS DO MUNDO
Para Bernardo Elis,
em sinal de
apego, um o
meu amigo
Otto Lara Resende
Rio, junho 79.

SOBRE A AUTORA

Magda Régia

É natural da Aurilândia/Goiás e, atualmente, reside em Anicuns/Goiás. É mãe de 02 filhas e avó de 03 netos. É escritora, Mestre em Linguística Aplicada, é professora de Língua Portuguesa, Redação e Literatura (há 30 anos), pela SEDUCE-Goiás. Ministra cursos pra concursos e ENEM; é Presidente/fundadora da Academia de Letras e Artes de Anicuns (ALAA) e ocupa a cadeira de nº 01, tendo como patrono seu pai – Manoel Alves de Oliveira. Também, é membro efetivo do – Instituto Cultural e Educacional Bernardo Élis para os povos do cerrado (ICEBE); casa esta, em que ocupa a cadeira de nº 49 e que tem como patrona – a escritora Leodegária Brazília de Jesus.
